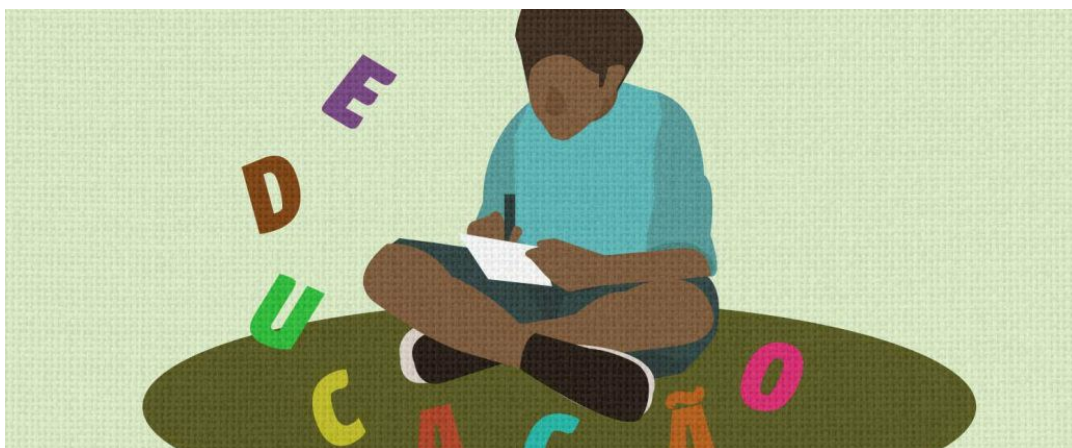


Precisamos ouvir o professor que está no chão da escola

Jornal da Universidade / 29 de agosto de 2024 / Artigo



Artigo | Doutoranda em Educação, Jeruza Santos Nobre defende que os docentes não sejam reduzidos a meros executores e tenham sua experiência valorizada

*Por: Jeruza Santos Nobre

*Ilustração: [Maria Eduarda Pacheco Fernandes](#)/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

A expressão “Chão de escola” não é apenas uma referência simples ao cotidiano escolar; ela encerra em si uma complexidade que se desdobra em diferentes interpretações e implicações. Ao evocar a imagem do “chão de fábrica” do capitalismo, ela suscita reflexões sobre as divisões de trabalho e poder na sociedade. Essa analogia resalta uma realidade muitas vezes negligenciada: a divisão entre aqueles que supostamente “pensam” e os que executam, uma dicotomia que também permeia o ambiente educacional.

Nesse contexto, a figura do professor frequentemente é relegada ao papel de mero executor, enquanto as decisões são tomadas em esferas distantes da sala de aula. A imposição de diretrizes por meio de materiais didáticos padronizados, consultorias externas e a falta de participação democrática na gestão escolar são alguns dos desafios enfrentados pelos educadores no seu dia a dia.

Essa dinâmica, corroborada pela minha própria experiência, resulta em práticas que muitas vezes culpabilizam os professores por problemas estruturais do sistema educacional. A avaliação baseada em testes padronizados e a busca por soluções simplistas, dissociadas da realidade escolar, apenas reforçam essa narrativa de culpabilização.

No que é uma realidade compartilhada por muitas colegas professoras, essas avaliações geram uma imposição que culmina em uma culpabilização dos professores por baixos índices educacionais que atribuem classificações numéricas (em exames como o SAEBs, SAERS) ao aplicarem provas fora da realidade escolar que visam avaliar o “sucesso” ou “insucesso” acadêmico.

A resposta dada como solução são formações distantes da realidade escolar e materiais “estruturados” que surgem como grandes “salvadores do sistema educacional”.

Esse modelo de educação Paulo Freire denomina de “educação bancária”, quando o conhecimento é tratado como um depósito a ser feito nos alunos, cabendo ao professor apenas transmitir esse conteúdo. Essa abordagem limita a criatividade e a mudança, transformando tanto educadores quanto educandos em meros arquivadores de informações. Tal realidade é vista em muitas formações de professores em que, mesmo tendo uma extensa bagagem de conhecimentos e de práticas, estes participam apenas como ouvintes, como se seu trabalho se reduzisse a assimilar e reproduzir uma cartilha de práticas que supostamente salvariam a educação.

No entanto, é nos bastidores do “chão de escola” que se encontram as verdadeiras sementes de transformação. Professores que atuam nesse contexto se tornam não apenas transmissores de conhecimento, mas também pesquisadores e agentes de mudança. É a partir dessa base que surgem as reflexões críticas e as práticas inovadoras que podem revolucionar a educação.

Portanto, é essencial ouvir e valorizar a voz dos professores que estão no chão da escola. Esse chão é solo fértil para a emancipação, e também para a reflexão, a pesquisa e a construção do conhecimento. Que o professor que está em sala de aula possa ser ouvido, que sua experiência seja validada, refletida e que desse solo germinem as mudanças que tanto desejamos para a educação. Uma educação verdadeiramente transformadora.

[Jeruza Nobre](#) é pedagoga, mestra na linha Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos (UFRGS), atualmente cursando doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação, na linha Educação, Cultura e Humanidades.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



A genialidade na composição de Lupicínio Rodrigues



Desinformação científica é um problema público que atravessa fronteiras



Pesquisa investiga os impactos do trabalho remoto em servidores da UFRGS no contexto da pandemia

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 12.09.24



Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Estratégia para enfrentar a desinformação climática



Biodiversidade e poluição



Neuroantropologia: unindo biologia e cultura



Carta aos leitores | 05.09.24



Apesar de mudanças na lei, bioma Pampa sofre com perda de vegetação



Porto Alegre: da catástrofe climática a uma reconstrução catastrófica?



Não é negacionismo, é projeto deliberado

INSTAGRAM

[jornaldauniversidadeufrgs](#)
[@jornaldauniversidadeufrgs](#)

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE



UFRGS
SECOM


UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

 (51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)